

## *In Memoriam*

Prof. Lúcio Craveiro da Silva  
Sérgio Machado dos Santos\*

Por ocasião do 80.º aniversário do Prof. Lúcio Craveiro da Silva a Universidade do Minho promoveu-lhe uma digna e merecida homenagem, em 28 de Novembro de 1994, onde tive ocasião de, como Reitor, lhe dirigir uma mensagem com um duplo sentido pessoal e institucional. A intervenção que então proferi manteve-se bem viva na minha memória, talvez em parte pelas circunstâncias em que foi redigida – no aeroporto de Milão, numa longa espera entre voos –, mas principalmente, creio, pela forma como a senti intimamente. Ocorreu-me, assim, que esse texto poderia representar, neste momento de dar corpo a um *dever de Memória* inalienável, um testemunho de como o exemplo de vida do Prof. Lúcio nos influenciou e esteve presente nas nossas reflexões e na forma (humanista) de ver a própria Universidade e o seu desenvolvimento. Reproduzo de seguida, na íntegra, o texto da referida intervenção, com a mesma emoção com que o li na sessão solene de Novembro de 1994:

“Na semana passada tive oportunidade de participar numa Conferência em Pisa com o tema sugestivo de *A Responsabilidade Europeia das Universidades*. Tratou-se de uma iniciativa apoiada pela Comissão da União Europeia e que se insere na multiplicidade de grandes Encontros

---

\* Antigo Reitor da Universidade do Minho.

Internacionais que se têm realizado a propósito da missão (das funções e responsabilidades, diz-se) da Universidade na construção de uma nova Europa unida – a União Europeia. Pretendeu-se dar continuidade à Conferência de Siena, que teve lugar em Novembro de 1990 e constituiu um importante ponto de partida para a reflexão sobre o que se espera do ensino superior no fim do século XX: a partir das conclusões da Conferência de Siena foi elaborado o Memorando sobre o Ensino Superior, documento polarizador de discussões mais ou menos profundas aos mais variados níveis (nacionais e internacionais). As conclusões desses debates e as respectivas sínteses efectuadas quer pela Comissão quer por agências internacionais ligadas ao sector (com realce, no contexto universitário, para a Associação Europeia de Universidades (CRE) e o Comité de Liaison dos Conselhos de Reitores) constituem documentos de referência porventura mais interessantes do que o próprio memorando.

Voltando à Conferência de Pisa, falou-se aí dos temas óbvios – diria obrigatórios – neste tipo de debates: a interligação íntima entre o ensino e a investigação (básica e aplicada), a formação dos jovens investigadores, a disseminação do conhecimento, a educação permanente (e o papel das novas tecnologias). Estarão a interrogar-se, certamente, o que é que isto teve a ver com a sessão de hoje, de homenagem ao Professor Lúcio Craveiro da Silva. É que o fio condutor de toda a Conferência teve a ver com a identidade cultural da Europa, para a qual todos os presentes – académicos, políticos e especialista de política educativa – foram unânimes em reconhecer que a Universidade tem uma contribuição importantíssima a dar. Discutiu-se, nesse contexto, a diversidade cultural da Europa e das suas Universidades, mas também o dilema entre essa diversidade enriquecedora e o desenvolvimento de um projecto para uma Europa unida que respeite e salve as diferentes culturas num quadro de coexistência harmoniosa. Logo no primeiro dia, numa mesa redonda sobre a unidade e a diversidade das culturas europeias, ouviu-se uma intervenção brilhante de um filósofo que nos falou da multiculturalidade e da internacionalização dos valores culturais numa abordagem interdisciplinar que me trouxe à mente o Prof. Lúcio. O mesmo sucederia em intervenções posteriores, nas quais foi repetidamente reiterado o papel da Universidade como guardião do humanismo tradicional europeu.

Dei, efectivamente, comigo a divagar sobre o Prof. Lúcio Craveiro da Silva: o mestre, que se especializou em domínios específicos da Filosofia, onde tem obra própria de vulto, de que se pode orgulhar, mas que se não deixou fechar sobre o seu campo restrito de trabalho. Pelo contrário, soube projectar as suas reflexões, os seus conhecimentos e a sua visão humanista em benefício de um enriquecimento do sistema de ensino superior. Assim o vimos trabalhar não só como professor mas também, e com igual entusiasmo, no planeamento e na gestão universitários, ligado ao desenvolvimento de projectos inovadores. A experiência que trouxe nomeadamente à Universidade do Minho foi preciosa, desde logo nos trabalhos da Comissão Instaladora onde, com outras pessoas que de igual forma (e felizmente para a Universidade do Minho) evidenciaram uma grande sensibilidade para a cultura humanística, participou no planeamento e arranque de projectos pioneiros em Portugal, em sectores tão variados como a Engenharia (onde, para além da criação dos cursos de Engenharia de Produção, se procedeu à introdução de disciplinas de Humanidades nos *curriculae* dos restantes cursos), como a formação inicial integrada de professores (com as componentes psico-pedagógicas e de prática pedagógica integradas nos cursos desde o seu início), ou ainda como as Relações Internacionais – projecto de que o Prof. Lúcio Craveiro foi o grande mentor, coordenador e impulsionador.

Discute-se hoje em dia, de forma muito viva, a assunção da integração europeia nos *curriculae* dos cursos universitários. Existe mesmo um programa específico – a *Action Jean Monnet*, a cujo Conselho Científico aliás pertença – para apoiar a oferta de disciplinas e módulos curriculares sobre matérias de integração europeia nos domínios da Economia, da História, do Direito, da Ciência Política. A Universidade do Minho, pela mão do Prof. Lúcio, vem a fazê-lo desde há 20 anos nos cursos de relações internacionais.

É este, no essencial, o testemunho que aqui quero deixar. O homenageado vai-me desculpar por não vir apresentar de forma exaustiva o seu vasto currículo: considero supérfluo fazê-lo, por tão conhecido. Gostaria, contudo, de fazer aqui uma inconfidência demonstradora quer da sua personalidade forte, que frequentemente se esconde por baixo do seu

espírito humanista e conciliador, quer do espírito de serviço (de missão) que tive o privilégio de apreciar enquanto seu colaborador, primeiro, e como Reitor, depois.

No longo processo da conquista da autonomia universitária que se desenrola desde o início da década de 70, o Prof. Lúcio Craveiro foi o primeiro Reitor eleito em Portugal – em lista triplíce, que na altura a autonomia não chegava mais longe. A vontade da Universidade foi respeitada, na medida em que o professor mais votado foi efectivamente nomeado Reitor, mas houve por parte do Governo uma tentativa de impor a constituição da equipa reitoral. O Prof. Lúcio é que não esteve pelos ajustes: agradeceu as "sugestões" que lhe eram dadas pelo Ministro, mas manteve a sua escolha de Vice-Reitores, que acabaram por ser nomeados. Lembro também aquele momento difícil, próximo do fim do ano – em 1982, creio – em que o orçamento da Universidade do Minho era insuficiente e os indispensáveis reforços estavam bloqueados no Ministério das Finanças. O então Reitor não esteve com meias medidas e solicitou uma audiência directamente ao Secretário de Estado do Orçamento, ultrapassando as estruturas do Ministério da Educação. Falou de coração aberto, com convicção e ganhou: conseguiu trazer consigo o despacho que atribuía os recursos financeiros adicionais necessários.

Estes factos eram do conhecimento de poucas pessoas, porque o Prof. Lúcio, com a sua modéstia, não gosta de falar dos seus sucessos. Considerarei ser este o momento adequado para os tornar públicos, certo de que o homenageado me desculpará pela inconfidência.

O Prof. Lúcio jubilou-se faz agora dez anos. Tinha então todo o direito de, a partir daí, se dedicar por inteiro àquilo que mais gostasse – e conhecemos bem, por exemplo, o seu gosto pelo estudo, pela reflexão crítica e pela publicação de livros e artigos. Mas o seu espírito de serviço, de missão como referi, predominou, e vemo-lo activamente envolvido em tarefas da maior responsabilidade, como sejam a Direcção da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa em Braga, que só muito recentemente deixou, e o Conselho Cultural da Universidade do Minho, a que preside desde a sua criação.

A este respeito quero aqui reiterar a gratidão da Universidade do Minho, e a minha gratidão pessoal também, por o Prof. Lúcio Craveiro ter acedido ao convite que lhe dirigi para presidir ao Conselho Cultural. Trata-se de mais uma aposta pioneira da Universidade do Minho, em que se procurava tirar partido das potencialidades das nossas Unidades culturais para obter um melhor entrosamento com a comunidade. O prestígio e o saber do Prof. Lúcio foram determinantes para a dignidade que tem caracterizado o funcionamento do Conselho Cultural e para o papel dinamizador – interno e externo – que este órgão tem assumido.

Senhor Professor Lúcio Craveiro da Silva, com o discurso directo e sem floreios que, como sabe, me é habitual, pretendi exprimir-lhe aqui a grande admiração que tenho por si e que sei ser também o sentir da Universidade do Minho. Espero tê-lo conseguido, pois o Senhor Professor é bem credor de todo o nosso respeito e admiração. Bem haja, pela sua obra e pelo seu exemplo”.

O Prof. Lúcio deu-nos o prazer e o privilégio da sua companhia, apoio e conforto durante longos anos após essa homenagem e outras que se lhe seguiram, em diversos contextos. Manteve sempre a mesma postura de permanente disponibilidade e espírito de serviço, habituando-nos a vê-lo sistematicamente presente, com a sua palavra arguta, oportuna e inconformada, mas com uma humildade exemplar.

A juventude de espírito que o Prof. Lúcio mantinha faz-nos sentir a sua partida como prematura e deixa um grande sentimento de perda, tanto pessoal como para a Universidade. Mas a sua memória permanecerá bem viva entre nós, não só pela sua presença na Galeria dos Reitores da Universidade do Minho, mas sobretudo como exemplo de pessoa e de académico que, constituindo um referencial para as gerações vindouras, é precioso património desta Universidade.